

O cinema e o audiovisual na educação: reflexões de pesquisas

Adriana Hoffmann Fernandes¹

Resumo

O artigo refere-se a participação da autora na mesa “Educação e Audiovisualidades” no Seminário de comemoração dos 20 anos do PPGEDU da Universidade Federal de Sergipe. Nele abordo os achados das pesquisas concluídas e em processo no grupo de pesquisa por mim coordenado e que referem-se a dois projetos de pesquisa em especial: um que ocorreu de 2010 a 2013 e outro que deu continuidade às questões surgidas no anterior e estará finalizando em 2015. Os dois projetos de pesquisa realizados pelo grupo de pesquisa CINENARRATIVAS tiveram como objetivo perceber – dentro da ótica dos Estudos Culturais Latino-Americanos e da proposta da metodologia da pesquisa-intervenção – as relações constituídas pelas crianças, jovens e professores com o cinema e o audiovisual tanto nas instituições educativas das quais participam quanto na sua formação com o cinema de modo geral. O artigo fala dos achados nos diferentes campos de pesquisa investigados nos dois projetos de pesquisa e traz reflexões acerca de alguns aspectos nos fazendo pensar no papel da escola nesse processo formativo com o audiovisual. Sobressaem a dimensão da narrativa na relação com os filmes, a questão do acesso e/ou obrigatoriedade dos filmes na escola e o papel da escola como agente formadora de cultura na ampliação dos repertórios culturais dos sujeitos.

Palavras-chave: cinema, audiovisual, formação, educação

¹ Professora adjunta no PPGEDU e Escola de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). E-mail: hoffadri58@gmail.com

Cinema and audiovisual resources in education: reflecting on research

El cine y el audiovisual en la educación: reflexión acerca de una investigación

Abstract

The article makes reference to the author's participation in the summit "Education and Audiovisualities" as part of a commemorative seminar for PPGEDU's 20 years the the Federal University of Sergipe. I will take a closer look at the findings of research concluded and as part of a process of a research group I coordinated that refers to two special research projects: one that took place between 2010 and 2013 and another that gave continuity to questions that came out of the first project and that should be concluded in 2015. Both research projects were undertaken by the research group CINENARRATIVAS and their objective was to perceive - within an optics of Latin American Cultural Studies and the methodological proposal of research intervention - relationships constituted by children, youth and professors with cinema and audiovisual resources both in educational institutions in which they participate as well as in their more general learning with cinema. The article speaks of findings in different fields of research investigated in the two research projects and brings about reflections on certain aspects that lead us to consider the role of the school in this audiovisual learning process. Special attention may be called to the narrative dimension in relation to films, the problem of access and/or mandatory character of films in school and the role of the school as a cultural teaching agent in widening student cultural repertoires.

Keywords: cinema, audiovisual resources, learning process, education

Resumen

El artículo hace referencia a la participación de la autora en la mesa de debate "Educación y Audiovisualidad" en el Seminario celebrativo por los 20 años del PPGEDU, de la Universidad Federal de Sergipe. En el artículo, enfoco los resultados de las investigaciones ya concluidas y aún en proceso hechas por el grupo de investigación bajo mi coordinación, que se refieren a dos proyectos de investigación en especial: uno que se desarrolló a lo largo de los años 2010 a 2013; el otro dio seguimiento a las cuestiones planteadas en el anterior y llegará al fin en el año 2015. Los dos proyectos de investigación que llevó a cabo el grupo de investigación CINENARRATIVAS tenían el objetivo de distinguir – desde la visión de los Estudios Culturales Latinoamericanos y de la propuesta de la metodología investigación-intervención – las relaciones establecidas por los niños, jóvenes y docentes con el cine y el audiovisual en las instituciones educativas en las que participan y también en su formación con el cine en lo general. El artículo pone de relieve los resultados en las diferentes áreas de investigación que se abarcaron en los dos proyectos de investigación y plantea reflexiones acerca de algunos aspectos, lo que nos conduce a pensar en el rol de la escuela en ese proceso de formación con el audiovisual. Se destacan en el artículo la dimensión de la narrativa en su relación con las películas, el tema del acceso o la obligatoriedad de las películas en la escuela, y el rol de ésta como agente de formación de cultura en la ampliación de los repertorios culturales de los sujetos.

Palabras clave: cine, audiovisual, formación, educación

Neste artigo busco refletir sobre o cinema e o audiovisual a partir de pesquisas realizadas pelo grupo CINENARRATIVAS desde 2010. De 2010 a 2013 realizei a pesquisa *O cinema e as narrativas de crianças e jovens em diferentes contextos educativos* e de 2013 até o presente realizo a pesquisa *O cinema e as narrativas na era da convergência: consumo, formação e produção de crianças, jovens e professores*¹.

As reflexões que trago referem-se aos achados em especial da primeira pesquisa para trazer na conclusão do artigo os aspectos que deram origem à segunda. A perspectiva teórico-metodológica do grupo de pesquisa relaciona-se com os Estudos Culturais Latino-Americanos ancorada em autores como Martín-Barbero, Orozco Gomez e Nestor Canclini que estudam a relação entre sujeitos e produtos culturais em geral. Na América Latina, o estudo das audiências (relação entre os sujeitos e os meios culturais) passaram a ganhar força em meados dos anos 80, quando Nestor Garcia Canclini, Jesus Martín-Barbero entre outros, começaram a redirecionar a questão da hegemonia cultural na relação com os meios para uma posição que possibilitava compreender a audiência em sua relação ativa com tais meios dentro de sua relação com a cultura considerando as mediações dos contextos culturais dos quais participam os sujeitos como modo de construção de sentidos nessa relação. Existem sempre as mediações na relação dos sujeitos com a cultura como aponta Martín-Barbero (2014) ao falar em mediações comunicativas da cultura. Os sujeitos e os saberes não são consolidados em meio à instabilidade e mobilidade da dinâmica intercultural, de maneira que os conteúdos e sentidos globais, tradicionais, massivos, eruditos e populares não existem de maneiras isoladas, mas deslizam uns sob os outros. As mídias audiovisuais participam das criações de sentidos nessa multiplicidade.

Nesse artigo optarei por trazer inicialmente a discussão teórica que embasa a pesquisa e suas questões para depois apresentar os dados do campo de estudo que nos permitem refletir sobre as relações das crianças, jovens e professores com o cinema e audiovisual em seu processo formativo observado na pesquisa. Destacam-se nesse escopo teórico da pesquisa os conceitos de cinema/ audiovisual, o conceito de cultura, a centralidade do audiovisual e da cultura e suas transformações numa socie-

dade midiaticizada, que já não existe e se organiza sem os meios de comunicação cada vez mais integrados entre si – agora chamados de convergentes – fazendo parte das práticas sociais do cotidiano de todos nós.

Vemos que os sentidos nas sociedades contemporâneas se organizam cada vez mais a partir das mídias, que exercem papel de grandes mediadoras entre o sujeito e a cultura. De fato as mídias (principalmente as audiovisuais) não só asseguram formas de socialização e transmissão de informações, mas também fazem parte da nossa prática social e cultural. Estamos vivendo uma audiovisualização da cultura sem precedentes e, portanto, as crianças e jovens vivem uma relação diferenciada com o conhecimento pelo seu vínculo com a imagem como parte do processo de formação (OSWALD, FERNANDES, SILVA E LOPES, 2005; FERNANDES, 2008 a, FERNANDES, 2008b, FERNANDES, 2008 c, FERNANDES, 2009). Ao perceber nas pesquisas que venho realizando há mais de dez anos o vínculo cada vez maior das crianças e dos jovens com a imagem, principalmente a audiovisual, trazendo a idéia de que “o contar suponha o ver” na TV, no cinema ou no vídeo em seus diferentes locais de acesso trago de que forma essas percepções aparecem nas pesquisas mais recentes realizadas pelo meu grupo nos últimos 5 anos. Aqui entendemos o cinema e o vídeo ou audiovisual sem fazer diferenciações muito grandes entre os dois assim como Bentes (2003) os concebe ao apontar que as relações entre cinema e vídeo são complementares. O vídeo surgiu num momento decisivo, de embate, “crise”, uma reação que deriva do campo do cinema: o do audiovisual. Os dois se conflitam mas um se hibrida com o outro, o cinema se modifica com a TV e o vídeo e a TV e o vídeo se modificam com o cinema. Há uma relação de diálogo entre eles, um remetendo ao outro e complementando-o. Por tal compreensão entendemos esse audiovisual de forma ampla sem delimitar algumas dessas diferenciações feitas por outros pesquisadores.

Assim como comenta Hobsbawm (1995), o século XX passou por uma revolução cultural. Ao mesmo tempo em que a cultura passa a ser central na realização de determinadas atividades e instituições ela passa também a – através dos meios de produção, circulação e troca cultural das mídias – expandir-se ampliando o modo como compreendemos o mundo em que vivemos.

Hall (1997) já nos idos dos anos 90 discutia a enorme expansão que o conceito de cultura passou a ter em vários estudos a partir da segunda metade do século XX. Ao considerar que assim como somos seres interpretativos, os sistemas ou códigos de significado que usamos para dar sentido às nossas ações constituem nossas “culturas” e é preciso lembrar que todas as nossas práticas sociais são práticas culturais, são práticas de significação, construídas e compartilhadas na dimensão coletiva.

Duarte (2009) ressalta que o homem do século XX jamais seria o que é se não tivesse entrado em contato com a imagem em movimento [...] A imagem do cinema e do audiovisual não apenas transformou a maneira como se dá a criação, mas, também, a maneira como os seres humanos percebem a realidade. Sarlo (2000) salienta desde os idos de 1990 que a presença das antenas de TV (e hoje poderíamos dizer as antenas de celular e os sinais de internet) constroem uma nova cartografia cultural. Assim onde quer que cheguem os meios de comunicação não passam incólumes as crenças, os saberes e as lealdades. Sarlo e Duarte destacam, cada uma ao seu modo, a reviravolta produzida pela transmissão eletrônica de imagens e sons como parte da cultura de todos nós...

O que se perdeu e o que se ganhou diante dessa realidade de transformações na cultura ou mudança cultural? Para Sarlo (op cit) perdemos os velhos preconceitos como condenação de atitudes de machismo, violência, a obediência cega a certos valores e formas de dominação que antes pareciam banais e agora começam a ser questionadas. Os letrados que antes detinham o monopólio de legitimidade cultural hoje vivem desafios por novos mecanismos de produção de legitimidade. Em consequência já não se pode mais falar de hegemonia cultural das classes dominantes pois “hoje, qualquer possibilidade de iniciativa cultural independente passa pelo modo como diferentes grupos sociais estão em condições de misturar seus próprios instrumentos culturais aos da cultura letrada e aos dos meios de comunicação” (SARLO, p. 109)

Como aponta Rosália Duarte, tais mídias já fazem parte de como construímos e percebemos a realidade. Nas mais variadas e corriqueiras situações do cotidiano a presença de imagens e mensagens midiáticas perpassam

continuamente as práticas e relações sociais e culturais nas diferentes telas com as quais lidamos. Tais narrativas são características de nossa época, habitam nossas vidas e intervêm em nossos modos de aprender e de existir (FISCHER, 2007), afetando processos de apropriação, usos e consumos de elementos culturais e simbólicos. A cultura hoje, torna-se central, porque passa por todos os meios de comunicação. Nossa cultura, como aponta Barros (2012), é uma cultura midiaticizada já que temos a comunicação como elemento estruturante da cultura. Trata-se de uma nova ordem comunicacional na cultura que tem a comunicação como elemento estruturante dessa construção. Barros (2012) analisa que o lugar da cultura muda quando a mediação tecnológica antes instrumental passa a ser estrutural. Trata-se da trama comunicativa da cultura. Mudaram os modos como a cultura se produz e o comunicativo por meio das mídias é hoje o protagonista. Temos que entender como isso ocorre.

Ao falar da pesquisa diante dessa relação dos sujeitos com elementos dessa cultura midiaticizada destaco que todas as pesquisas já finalizadas e em processo pelo grupo de pesquisa foram realizadas na ótica da pesquisa-intervenção. Nessa linha metodológica pesquisador e pesquisados constroem juntos a pesquisa num processo de colaboração e co-autoria. Há uma implicação do pesquisador com a pesquisa e seus sujeitos. O pesquisador sabe qual é seu objetivo mas não desconsidera o que é trazido pelos pesquisados fazendo adaptações no processo da pesquisa de acordo com os retornos que vai recebendo dos sujeitos da pesquisa assim como aponta Castro (2008). A pesquisa é construída em colaboração com os sujeitos dela participantes sendo também um elemento de reflexão para eles e suas práticas.

Investigando o cinema e a narrativa de crianças e jovens em diferentes contextos – o contexto da pesquisa inicial

A primeira pesquisa desenvolvida com o apoio da FAPERJ teve como objetivos investigar as relações de crianças e jovens com o cinema nas instituições educacionais de ensino fundamental, médio e superior no Rio de Janeiro; entendendo o cinema como integrante do processo de formação de leitores, como narrativa que forma o sujei-

to na relação com a cultura; buscando perceber como as crianças e jovens criam narrativas a partir de uma relação formativa vivida com o cinema nas instituições educacionais. Essa pesquisa foi realizada de forma interinstitucional junto com duas Universidades parceiras: UCP e UFRJ.

Teve como campo três contextos educacionais de educação pública no estado do Rio de Janeiro: instituições de ensino fundamental, médio e superior nas quais estivessem ocorrendo projetos ou práticas regulares relacionados ao cinema com crianças e jovens. A perspectiva teórico-metodológica dos Estudos Culturais Latino-Americanos orientou-nos a buscar, no caso da pesquisa realizada, os sentidos que os sujeitos produzem em suas relações com os filmes. Considera-se, ao contrário dos estudos de recepção tradicional, que os sujeitos – crianças e jovens – não se relacionam com as imagens apenas dando uma mera resposta ao estímulo da mensagem/imagem emitida, mas constroem sua relação com as imagens construindo interpretações próprias. Os elementos culturais, hábitos e comportamentos típicos de um grupo ou contexto social nunca são fechados em si, por mais radicais e fiéis que sejam aos códigos compartilhados entre seus membros.

De acordo com tais estudos, os sujeitos que relacionam-se com as mídias, sejam crianças, jovens ou adultos, são entendidos como sujeitos com autonomia e não completamente dominados pois relacionam-se com as imagens e suas mensagens a partir das mediações vividas construindo uma negociação de sentidos. Reconhece-se que existe uma tendência e mensagens hegemônicas mas os sujeitos não são totalmente submissos a elas. Entende-se também que a recepção às imagens audiovisuais não é algo que acontece somente no momento em que eles estão diante destas mas também antes, durante e após esse momento conforme nos aponta Gomez (2009). Antes de ver um filme ou vídeo eles leram a respeito, ouviram falar, viram um trailer ou um programa que falou sobre a produção do filme e todos esses momentos fazem parte do contato que ele terá com o filme e das interpretações que construirá a respeito. Da mesma forma, durante o momento de audiência ele pode estar num local que favoreça o diálogo sobre o que vê ou pode estar vendo-o sozinho, ou veja com barulho ou em silêncio de

forma concentrada, etc. Todas essas e outras diferentes formas de ver trazem mediações que participam do significado que ele construirá. Da mesma forma, após o momento em que ele viu o filme ele poderá conversar com amigos, com familiares e professores, ler críticas sobre o filme ou ver programas sobre o mesmo e conhecer algo mais a respeito do filme ou do trabalho desse diretor ou atores e todas essas relações também constituirão a sua leitura e o seu modo de ver o filme.

Assim, consideramos que ninguém chega a uma imagem audiovisual sem nenhuma bagagem que a faça refletir sobre a mesma. Do mesmo modo que na educação dizemos que as crianças e os jovens que estão na escola não chegam até ela sem bagagem que os permita construir sentidos e interpretações sobre os diferentes conhecimentos também não chegam como “tabula rasa” aos audiovisuais. Nossas pesquisas ao longo desses anos vem tentando perceber como eles vão construindo suas relações e leituras do audiovisual entendendo que qualquer leitura faz parte da construção de uma cultura relacionada a essa linguagem.

Optamos por focar no cinema pois foi um dos audiovisuais que os sujeitos apontaram fazerem parte do seu cotidiano por falarem muito nos filmes em minha pesquisa anterior de Doutorado (Fernandes, 2009). Precisávamos entender melhor como isso se dava. Algumas das questões pesquisadas foram: Como o cinema faz parte da formação das crianças e jovens pesquisados nas diferentes instituições? Qual o sentido das narrativas cinematográficas para esses sujeitos? De que modos as crianças e os jovens constituem-se como leitores na sua relação com as narrativas cinematográficas? Ou melhor, poderíamos dizer que mediações aparecem nesse processo de relacionamento dos sujeitos com os filmes?

A pesquisa ocorreu em ações ou projetos realizados dentro das instituições que tivessem como pano de fundo ações cineclubistas, ou seja, ações de exibição de filmes não comerciais em local e horários específicos com realização de um debate depois das sessões. Desta forma, em cada campo fizemos filmagens, transcrições e registros dos debates realizados bem como algumas entrevistas posteriores e foi desse material que surgiram os achados

da pesquisa realizada em cada instituição ao longo de cerca de 2 anos em média.

Todos os três campos de investigados que apresento fizeram parte de pesquisas finalizadas de mestrado e monografia de participantes do grupo de pesquisa (GATTO, 2013, CORDEIRO, 2013, DALETHESE, 2013 e FERREIRA, 2014). Resumidamente percebeu-se que em todas as instituições pesquisadas a presença do cinema na escola é uma opção de alguns profissionais específicos apaixonados pelo cinema, não uma opção da escola como um todo. Os projetos ou ações cineclubistas nos quais o campo foi realizado são, em sua maioria, articulados por um ou dois professores das instituições, exceto por uma das escolas em que esse projeto integra o currículo de um curso novo de ensino médio proposto por um grupo de professores engajados no mesmo. Mesmo nessa escola apenas os alunos e professores desse curso específico tem o cinema como referência na escola para sua formação e relação com as disciplinas. As demais turmas e professores poucas vezes se envolvem com as atividades desse curso relacionadas ao cinema. Dessa forma, o cinema está nessas instituições como algo que depende apenas de alguns profissionais, não é uma proposta da escola ou uma política de formação das crianças e jovens. Trata-se de uma opção política de atuação com o cinema na escola muitas vezes até mesmo militante por parte de um grupo de professores pelas dificuldades enfrentadas nesse processo de trabalho.

Analizando resultados – a obrigatoriedade de ver filmes e o acesso restrito a maioria dos filmes não comerciais

Importante trazer a discussão da “obrigatoriedade” no momento em que acaba de ser sancionada a inclusão na LDB de um artigo que indica a obrigatoriedade de exibição de 2 h de filme nacional mensal. Ao mesmo tempo em que nós, que pesquisamos com o cinema na escola, podemos ver um lado positivo nessa proposta, ao apresentar um pouco do que aparece nas pesquisas podemos indicar que as ações com o cinema na escola como formação precisam ir muito além desse tipo de “obrigatoriedade” pois há em relação às práticas de cinema na educação muitas contrariedades. Existem no Brasil vários

projetos em diferentes estados ou municípios de ações com o cinema na escola em sua maioria realizados por Universidades, ONGs ou empresas privadas dentro da escola. No entanto, são ações pontuais que se espalham mas ainda não constituem uma política nacional tal como a proposição da lei com tal obrigatoriedade.

Nas pesquisas que tenho realizado percebe-se que as crianças e jovens pesquisados ficam tocados pelos filmes exibidos embora nem sempre queiram debatê-lo. O “falar sobre o filme” passa por uma aprendizagem assim como por vezes o assistir ao filme passa nessas instituições por uma “obrigatoriedade” imposta pelo professor aos alunos ao dizer que será feito um trabalho a partir do mesmo. Percebemos essas práticas principalmente com o público dos jovens, o que não aconteceu com o público das crianças. Normalmente – em relação aos jovens – o auditório fica cheio quando os professores tornam o filme “obrigatório” dentro de uma disciplina. Quando o professor deixa livre a opção por assistirem ao filme parte dos jovens optam por vê-lo na internet, principalmente os jovens do ensino superior. No questionário realizado no ensino superior com 70 respondentes quase 80% responderam que vão ao filme no cineclube no ensino superior por indicação do professor quando este filme está associado a disciplina. No entanto, uma fala comum é “a professora disse que hoje não vai ter aula e que é filme.” A aparente obrigatoriedade pode ser formadora ou não. Outros elementos aparecem nesse contexto para a reflexão. Tal aspecto não foi observado nos campos de ensino fundamental e médio porque as práticas com filmes foram realizadas dentro de atividades realizadas nas disciplinas do currículo e dessa forma não havia o convencimento sobre ver ou não o filme.

Percebeu-se nos três espaços pesquisados que tanto crianças como jovens do ensino médio e do ensino superior apresentam modos iniciais comuns de lidar com os filmes. Os debates de forma geral foram livres com a palavra aberta para eles se pronunciarem. De modo geral, é recorrente encontrar nas falas expressões como “o que mais me chamou a atenção”, “o que mais me marcou”, ou “achei muito interessante”, que nunca são comentários imparciais ou isolados, mas sempre acabam de alguma forma suscitando questões para levantar ou sustentar

uma discussão ao longo dos debates. Isso foi percebido com todos os públicos pesquisados - do ensino fundamental ao ensino superior.

Na pesquisa nas diferentes instituições optamos por exibir filmes não comerciais que apresentassem diferentes temáticas para reflexão, que tratassem tanto de culturas diferentes da vivida pelas crianças e jovens como filmes da cultura iraniana, japonesa, italiana, francesa quanto de culturas próximas como os filmes argentinos e latino-americanos dentre eles os brasileiros muitas vezes pouco valorizados no contexto nacional.

Em cada campo procurou-se escolher alguns filmes comuns e outros próprios da escolha dos sujeitos desse universo. Dessa maneira, tivemos dois filmes em comum entre as sessões do ensino médio e ensino superior e dois filmes em comum nas sessões do ensino fundamental e ensino superior. Os filmes comuns a todos os três campos foram: Adeus Lenin, Edifício Master (ensino médio e ensino superior) e Filhos do Paraíso e Valentim (ensino fundamental e ensino superior). A escolha desses filmes pela equipe da pesquisa também foi feita em comum acordo com os pesquisadores das instituições parceiras: UCP e UFRJ. Os demais filmes exibidos em cada um dos espaços foram de escolha livre dos alunos ou professores de cada instituição. O cinema vivido nesses contextos de pesquisa é entendido como formação estética e audiovisual conforme destacam Duarte e Alegria (2008).

As crianças do ensino fundamental apontaram que tais filmes exibidos na escola que são filmes não comerciais são “diferentes” dos que elas estão acostumadas a assistir e um dos movimentos delas foi criar um “clube do cinema” coletando cópias de filmes com os colegas e professores e emprestando uns aos outros como faziam com “o clube do livro” na escola. Queriam levar para casa os filmes vistos na escola para mostrarem à sua família. Para elas, o cinema foi visto como espaço de diversão, consumo e alteridade ao estarem com os colegas compartilhando momentos de amizade juntos. O local do cinema foi visto como algo diferente pois boa parte das crianças raramente vai ao cinema e a sala de exibição é vista como algo especial trazendo lembranças de momentos vividos com a família ou amigos. Como ainda dependem dos adultos para ir ao cinema

essa frequência depende na maioria das vezes da família que as leva pouco devido ao custo do ingresso. Uma boa parte das crianças da pesquisa apontou que o consumo de filmes por parte delas e da família acontece na maioria das vezes por DVDs piratas vendidos nas feiras e camelódromos do Rio próximos dos locais onde moram. Os cinemas em sua maioria estão nos shoppings e poucos estão perto dos seus locais de moradia. Mesmo assim apontaram que os filmes que veem nos shopping - quando raramente vão - não são filmes “diferentes” como os que viram na escola no cineclube. Mesmo tendo a iniciativa de fazer o clube do cinema as crianças avaliam que a maioria dos filmes que conseguiram para o clube são filmes que ‘todos já conhecem’ reconhecendo como é difícil ampliar o acesso deles aos filmes ‘diferentes’ de circuito restrito.

Canclini (2005) reforça que na atualidade os processos cognitivos e socioculturais são distribuídos e apropriados de forma desigual. O autor destaca que a posição hegemônica do cinema estadunidense ocorre por questões políticas e por dispositivos de controle de mercado com compra imposta de pacotes de filmes pelas distribuidoras. Os “filmes diferentes” - de outros mercados que não o de Hollywood - como apontam as crianças realmente não são de fácil acesso para o grande público.

Esse aspecto dos filmes “diferentes” que foi intensamente apontado pelas crianças do ensino fundamental e foi trazido pelos jovens do ensino médio e do ensino superior entendido como parte do trabalho com os filmes na educação. Para eles, esses filmes com esse formato seriam um requisito para serem exibidos e discutidos na escola ou na universidade. Com maior conhecimento e acesso a internet vários deles acessam os filmes pela rede e a utilizam para baixar filmes, montar sua coleção ou acessá-los on-line, práticas que as crianças não têm e que dificultam o acesso delas por esses meios.

Debates dos filmes – percepções trazidas pelos sujeitos

No ensino superior três tipos de manifestações sobressaíram nos debates sobre os filmes que apontam modos de relação dos jovens com o cinema. Primeiramente, eles costumam posicionar-se para defender ou condenar

comportamentos, atos, escolhas e visões de mundo dos personagens dos filmes, colocando-se como verdadeiros juízes que apontam erros, medos, fracassos, preconceitos, mas também reconhecem e exaltam atitudes de cumplicidade, altruísmo, coragem, sensibilidade entre tantas outras que aparecem nos filmes. Uma questão que por vezes aparece nesses momentos de “juízo” é a associação entre filme e realidade. Percepções semelhantes foram percebidas de acordo com Schwertner (2012) em recentes dados de pesquisa (FISCHER, 2010, apud Schwertner, 2012) que apontam para uma “busca da realidade” na escolha de filmes e programas televisivos, por parte de jovens. Mais de 90% dos jovens estudantes afirmaram que um filme é bom quando representa a realidade, quando “mostra a vida como ela é”.

Outra percepção é a recorrência com que os jovens participantes trazem elementos vistos nos filmes para narrar experiências e histórias de suas vidas. Em alguns momentos fazem-se verdadeiras confidências públicas de situações vividas na infância ou na vida adulta relacionadas ao que o filme traz. Assim, os filmes provocam confissões, resgate de memórias, afirmações de identidades entre outras correlações trazidas por eles. Um terceiro aspecto diz respeito à relação entre os filmes, a cultura e a sociedade de modo geral. Os participantes trazem para o debate dos filmes assistidos, reflexões e críticas sobre questões sociais, políticas e históricas para além do que é tratado nos filmes. Assim, articulam o contexto do filme de outro país com o contexto brasileiro, comparam as situações vividas lá e aqui e apontam semelhanças mais do que diferenças mostrando o que cada filme nos faz pensar para além dele. No caso do ensino superior sempre articulam as situações do filme à formação vivida na Universidade relativa à área do curso que fazem. Dessa forma, os estudantes de pedagogia buscam relações com situações de escola e aprendizagem nos filmes, os estudantes de arte vêem mais a questão estética, os de história trazem para o debate os contextos históricos daquele filme. Isso foi percebido em diferentes filmes com diferentes temáticas.

No ensino médio percebeu-se que os jovens posicionam-se diferentemente dos do ensino superior. Nesse caso as sessões com filmes e debates ocorreram em uma das

disciplinas com a presença de um ou mais professores da escola além dos pesquisadores. Percebeu-se, nos campos anteriores, o forte envolvimento dos jovens com os filmes mas, no entanto, o posicionamento dos jovens em relação ao julgamento dos personagens dos filmes não acontece da mesma forma como no ensino superior. Isso porque como estão num curso técnico de áudio e vídeo muitas vezes o debate do filme envereda pelos aspectos da linguagem audiovisual e eles mostram que o aprendizado da técnica cinematográfica contribui para ampliar o olhar deles sobre os filmes. O conhecimento da técnica também é útil para buscarem nos filmes referências para as produções de curtas realizadas por eles na escola. Mesmo tendo essa visão “técnica” dos filmes no momento de recepção agem como todos os jovens com risos, provocações a colegas em determinadas cenas, entre outros. Nessa escola de ensino médio os estudantes apontaram o quanto a prática de ver filmes na escola ao longo dos três anos do curso foi formadora para eles trazendo referências para o modo como relacionam-se com outras produções fora do cinema como a TV e seus programas e até mesmo com a internet. Ao assistirem a filmes cotidianamente na escola dentro do curso eles passam a ter a escola e os professores como referência para novas escolhas de filmes e programas fora da escola e levam para suas famílias algumas dessas referências que algumas vezes causam encontros e outros desencontros na comunicação entre eles e a família ao passarem a ter modos de interpretação baseados nas aprendizagens feitas na escola que sua família não possui. Dessa forma, percebeu-se que tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio, épocas em que a relação dos alunos com a família ainda é mais frequente o convívio com filmes na escola os levou a quererem integrar a família nessa experiência.

Uma questão que chamou atenção e que foi trazida pelos sujeitos pesquisados nas diferentes instituições referiu-se a alguns aspectos como 1) a dificuldade de acesso a filmes fora do circuito comercial; 2) o interesse que alguns sujeitos trouxeram por produzir filmes e conhecer os segredos da produção entendendo mais como alguns filmes são feitos nas duas instituições em que a produção não era incentivada 3) o fato de vários dos sujeitos pesquisados irem muito pouco ao cinema mas nem por isso deixarem de ver filmes. O acesso aos filmes

passa pelos filmes baixados pela internet, pelos vistos com amigos no computador por sites ou mesmo DVDs alugados em locadoras 4) O gosto por ter cópia do filme ou por adquiri-lo somente quando o filme é considerado por eles como muito bom (ter o filme para poder rever várias vezes) 5) a relação com o cinema na sala de exibição ser encarada por parte dos sujeitos como “acontecimento”, como momento especial só válido com um filme especial que mereça essa saída e esse investimento no programa (trazida somente pelos jovens do ensino médio e superior), 6) os modos de assistir a filmes em que aparece a preferência *em assistir a filmes com sujeitos que tem o mesmo aprendizado*, que conhecem e apreciam os mesmos filmes.

A permanência no campo de pesquisa das instituições por cerca de 2 anos com encontros mensais nesses espaços nos permitiu perceber que as relações que estabelecem com os filmes não mudaram muito nesse período. Tais aspectos foram sendo percebidos repetidamente. Isso aponta que, portanto, permitir o acesso aos filmes só os tornará mais acessível a eles cumprindo apenas a questão do acesso apontada por eles mas deixando de lado todos os demais aspectos que poderiam demandar uma formação mais ampla com o cinema na escola. A experiência da produção, o conhecimento da linguagem audiovisual, a aprendizagem sobre as dimensões estéticas do filme e a ampliação do repertório com variados filmes de diferentes culturas, diretores e temáticas vão além do acesso e abrem os sentidos para uma formação mais ampla com o audiovisual.

O cinema em debate - o espaço da narrativa como dimensão formadora

Algumas percepções das relações estabelecidas por crianças e jovens a partir da experiência com o cinema nas instituições nos fazem perceber que o cinema pode constituir-se em experiência para além do espaço da escola assim como nos apontam Benjamin e Larrosa - deixando marcas que essas crianças e jovens levam para suas vidas em geral ampliando olhares de mundo e a competência de ver.

Como nos aponta Duarte:

Espectadores de cinema, cinéfilos ou não, sabem, pela experiência, que o(s) sentido(s) do filme nunca é (são) dado(s) nele próprio e nunca é (são) apreendido(s) individualmente – daí a absoluta necessidade que têm de falar do filme com outros espectadores. (DUARTE, 2002, p. 9)

Conforme afirmam Gusmão (2008), Matela (2008) e Silva (2009), os cineclubes funcionavam como importantes fontes de articulação entre grupos e informações, configurando uma prática cultural que pode ser definida como educativa pois esses espaços contribuíram na formação cinematográfica e na “competência para ver” dos sujeitos envolvidos, situação criada pelo ambiente cultural criado nesses locais. No caso da pesquisa os espaços de exibição e debate de filmes realizados nas instituições configuravam-se na ótica dos cineclubes e formavam um ambiente de debate sobre os filmes que configurava uma comunidade interpretativa tal como a define Varela (1999), ao afirmar que os sujeitos se agrupam compartilhando regras e estratégias de leitura que fixam uma aceitabilidade interpretativa, permitindo a fluência na comunicação, o intercâmbio e a coincidência de interpretações. Os sentidos são construídos nesse processo de recepção coletiva e compartilhada.

Na dimensão da narrativa em Benjamin (1994) e Larrosa (2002), os relatos compartilhados nos debates dos filmes apresentam sentidos nos quais as crianças e jovens contam e pensam a própria história. A pesquisa surge nesse momento como possibilidade dos sujeitos de rememorem suas histórias de vida ao refletirem sobre os filmes e as experiências que perpassaram sua relação com os filmes. Reconhecemos o valor formativo desse movimento de contar suas histórias ao refletirem e atribuírem sentidos ao filme.

Ao narrar sobre o filme exibido, o sujeito cria um sentido para o que foi assistido, falando sobre e através do contato cinematográfico. Por isso a narração é sempre um contar-de-si, contar e compartilhar com o outro sua própria experiência. E ao falar sobre o que lhe tocou, o que lhe marcou no filme, narradores e ouvintes não apenas trocam experiências mas também as inventam e se inventam. Quem narra, relata seu ponto de vista ou o que lhe chamou atenção no filme, constrói sua relação com

o que foi visto na tela e cria significados para a própria experiência. Nesse sentido configura-se uma transformação do filme como espaço de pensamento. Tal como conceitua Ismail Xavier *Um cinema que “educa” é um cinema que nos faz pensar*. É por tudo isso que dialogamos com Rosa Fischer (2009) reiterando sua pergunta: o que a filosofia do cinema ensina à educação?

ensina a ir além das interpretações, da leitura das entrelinhas, do não-dito. Talvez ensine uma generosidade esquecida, de olhar o que está diante de nós e nos entregarmos ao que aquela peça audiovisual oferece, sem necessariamente desejar uma espiadela curiosa por trás das cortinas para saber o que *realmente* as imagens *queriam dizer*. Esse exercício não é tão fácil assim, pois exige o esforço de fugir aos apelos imediatos das explicações causais, consoladoras, dos julgamentos apressados ou rígidos, para abriremos todos os sentidos ao que lemos e vemos, empregando nessa tarefa nossa capacidade intelectual, nossa bagagem de informações com o objetivo de fazer da experiência de ver também um espaço privilegiado de transformação de nós mesmos. (p. 97)

Esse espaço privilegiado da transformação de nós mesmos só pode se dar com a ampliação do ver em novas bases. Para alguns sujeitos pesquisados esse acesso mais cotidiano a filmes fora do circuito comercial permitiu essa experiência de perceber as diferentes formas de narrar de filmes de diferentes países, diretores, etc. No entanto, percebemos que essa relação mais ampla com os filmes sem busca de explicações ou julgamentos demanda tanto conhecer os outros usos que fazem do cinema ou mesmo das produções audiovisuais que circulam em outras telas para pensar que repertórios possuem, bem como uma atuação reflexiva focada nessa ampliação do olhar “abrindo os sentidos” - como nos diz a autora - para além do que eles costumam “sempre ver”. Dialogando com Serra (2006) que trabalhou com Fischer perguntamos e percebemos que o cinema pode constituir-se numa experiência pedagógica de ordem formadora se apostamos – como também consideram Serra e Fischer – e a partir dos retornos que tivemos dos sujeitos pesquisados - que a experiência do cinema pode ser sim formadora do ver assim como a experiência da leitura é também formadora do ler.

Ampliando o entendimento da formação do “ver” das crianças e jovens em diálogo com os professores e com a cibercultura – reflexões que deram origem à nova pesquisa

Os achados da pesquisa apontaram novas necessidades de investigação. Além dos aspectos já apontados nesse artigo apareceram também as relações dos sujeitos com os filmes pelas redes da cibercultura. Tal aspecto que não era objetivo da pesquisa apareceu em todos os campos dentro das situações e falas das crianças e jovens e nos fez perceber que deveríamos investigar mais a fundo a relação deles com os filmes nas diferentes telas e em sua convergência. Vários sujeitos pesquisados apontaram o fato de verem filmes no computador, na TV e os acessarem em dispositivos móveis. Outro aspecto foi o de lidar com as práticas com as telas fazendo #tudo ao mesmo tempo. Assim, ver um filme, estar no facebook e ouvir música ao mesmo tempo fazem parte do cotidiano dos sujeitos. Da mesma forma o fato de alguns assistirem ao mesmo filme várias vezes

García Canclini (2010) aponta que o contexto das mídias atuais reorganiza o cenário cultural, o que gera tensões em relação ao território geográfico e social em torno da desterritorialização e reterritorialização, a exemplo do próprio cinema, que num processo de adaptação se encontra voltado para diferentes mídias. Isso quer dizer que os meios clássicos de manifestações culturais transformam-se na relação com a cibercultura, os DVDs, os celulares e a outras formas de acesso a narrativas fílmicas na atualidade, por diferentes formatos e plataformas. Ao discorrer sobre a evolução no processo de audiência, Orozco Gómez (2009) aponta que o papel do emissor e do receptor nas mídias contemporâneas hoje apresenta uma constante passagem de um polo a outro. Nessa convergência das telas, ora somos emissores, ora somos receptores.

Percebeu-se também na investigação que mesmo que as relações com um determinado filme tenham iniciado na escola, os desdobramentos deste enveredam pelos mais diferentes espaços incluindo também os espaços virtuais. Como esses espaços participam dessa formação deles com o audiovisual é a questão que trazemos para

a nova pesquisa. Assim, a nova pesquisa que agora estamos realizando busca perceber melhor essa dimensão da formação que vivem para além das instituições optando por focar a nova fase da pesquisa nesse cinema/ audiovisual na era da convergência optando por investigar modos de consumo, formação e produção de audiovisuais de crianças, jovens e professores em relação às diferentes telas com que convivem no cotidiano. Percebemos na pesquisa anterior como consomem dentro das instituições que trabalham com o cinema e a proposta agora é perceber como esse consumo se dá fora delas para poder viabilizar um diálogo possível. Algumas questões que surgem são: que diferenças percebe-se entre o consumo de cinema de crianças e jovens dentro e fora do espaço da escola? E dos professores? Como são construídos esses modos de consumo? Como o consumo de filmes associa-se a outros consumos culturais? De que forma os professores participam da mediação dos consumos realizados fora da escola por crianças e jovens? Que mediações ou formações viveram os professores em seu consumo cultural pessoal de cinema? Que produções audiovisuais são feitas por esses sujeitos e como elas relacionam-se com os consumos vividos por eles?

No momento tenho mestrandas e bolsistas de iniciação científica que pesquisam com cada público: criança, jovem e professor vendo como relacionam-se com o audiovisual fora da escola, como constroem suas referências e repertórios no consumo que fazem em seu cotidiano e como produzem audiovisual. Temos duas pesquisas recentemente concluídas em 2014 sobre jovens e professores e duas pesquisas em processo com crianças e com professores.

Os consumos de forma geral vividos por crianças, jovens e professores estão associados a outros consumos complementares. Por exemplo, os jovens que produzem vídeos em canais no youtube em pesquisa de Batista (2014) costumam ler sobre vídeos e ver outros canais com temáticas semelhantes às quais produzem. Alguns tem um conhecimento amplo, tanto de linguagens de vídeo, quanto de músicas, programação e filmes que indiretamente trazem para suas produções, embora nem sempre admitam ter essas referências muitas vezes afirmando que 'aprenderam sozinhos', 'criaram do nada' mas suas falas remetem-se a produções de outros

e repertórios que construíram e apontam de onde vêm as suas referências.

O mesmo ocorre na pesquisa em processo realizada com as crianças no artigo escrito por Fernandes e Gazé (2014). Ao longo dos momentos da pesquisa voltados para a produção de audiovisual as crianças trazem suas referências e apresentam indiretamente seus repertórios de imagens audiovisuais e as histórias que se referem a elas. Nas criações narrativas surgem histórias de batalhas, romances, suspenses e monstros que misturam as referências dos livros e filmes vistos com o exercício de criação narrativa vivido na pesquisa. O espaço do audiovisual é identificado como "não aula", como um espaço de liberdade de criação sem relação com conteúdos curriculares e por isso associado à diversão e brincadeira.

Parece até o momento na pesquisas realizadas que apenas os professores levam essas referências para a escola. Na verdade os professores – de acordo com pesquisa de Milliet (2014) ao falarem do seu consumo pessoal de cinema e de outros consumos culturais associam-nos com a escola e as produções com as crianças. De outro lado, as crianças e jovens que, muitas vezes relacionam-se com os filmes e vídeos pela internet em plataformas como o youtube e em DVDs nem sempre trazem suas referências para a escola, muitas vezes por acharem que não terão o reconhecimento dos professores. Algumas das práticas apontadas por crianças e jovens até o momento muitas vezes parecem ser desconhecidas pela escola talvez pelo fato da escola desvalorizá-las e não torná-las visíveis. Que relação pode ser pensada entre o que é visibilizado ou não dentro da escola em termos de audiovisual? Como as relações com essas diferentes telas se entrelaçam no cotidiano de crianças e jovens?

Na pesquisa realizada dentro das instituições eram observadas as práticas, realizadas com as crianças e jovens percebendo o que diziam e sabiam a respeito dos filmes e das práticas vividas nas instituições. Nesse novo momento estamos tendo pesquisas que focam na produção de audiovisual procurando perceber se ao produzir as crianças, jovens e professores trazem suas relações com o consumo de modo geral e buscando perceber que consumos são esses.

As produções audiovisuais só são vistas onde são reconhecidas? Seria o audiovisual visto por eles apenas como um espaço de formação de identidades para um determinado grupo? Que audiovisualidades seriam essas que mais tocam de modo geral? Como elas poderiam estar dialogando entre os diferentes contextos dentro e fora da escola? Como pensar o audiovisual com suas estéticas, sua linguagem e gramática próprias que amplie nossa capacidade de ler o mundo sem reduzi-lo a mais um conteúdo dentro da grade? Como torná-lo parte do repertório cultural das crianças e jovens?

Essas e outras questões fazem parte da nova pesquisa em processo e começam a nos mostrar o quão complexa é essa relação entre telas proposta pela “sociedade do conhecimento”. Entendemos que a esse respeito essas relações talvez possam ser diferentes, desiguais e desconexas como aponta Canclini (2005) em seu livro ao nos mostrar também que o termo “sociedade do conhecimento” não pode ser generalizado aos diferentes contextos sociais e culturais e por isso a demanda de pesquisas para conhecer e pensar sobre essas diferenças e desigualdades é cada vez mais premente.

Nota

1 Ambas as pesquisas foram realizadas com o apoio da FAPERJ.

Referências

- BARROS, Laan Mendes. Recepção, mediação e midiatização: conexões entre teorias europeias e latino-americanas. In: MATOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda (Orgs). **Mediação e Midiatização**. Salvador: EDUFBA, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6187/1/MIDIATIZACAO_repositorio.pdf> Acesso em 2013.
- BATISTA, Lucinéia. **Jovens youtubers: processos de autoria e aprendizagens contemporâneas**. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- BENTES, Ivana. **Vídeo e Cinema: rupturas, reações e hibridismo in Made in Brasil. Três décadas do vídeo brasileiro**. Arlindo Machado (org.). Itaú Cultural. São Paulo. 2003.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Diferentes, desiguais e desconectados**. Rio de Janeiro, Ed UFRJ, 2005.
- CASTRO, Lucia Rabello de. Conhecer, transformar (-se) e aprender: pesquisando com crianças e jovens. In: CASTRO, Lucia Rabello e BESSET, Vera Lopes (orgs). **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. Rio de Janeiro: Trarepa/FAPERJ, 2008.
- CORDEIRO, Kelly Maia. **Cinema e Juventude: relações criadas pelos jovens dentro e fora da escola**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- DALETHESE, Thamyres. **Cinema, narrativas e experiências: a formação atravessada pela prática cineclubista na Universidade**. Monografia. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- DUARTE, Rosália e ALEGRIA, João. Formação estética e audiovisual: um outro olhar para o cinema a partir da educação. **Revista Educação e Realidade**, v. 33, n1, jan/jun 2008.
- DUARTE, Rosália. **Cinema e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- FERNANDES, A. H. Infância, narrativa e imagem na contemporaneidade. **Anais do I Seminário de Grupos de Pesquisa sobre Crianças e Infâncias**, Juiz de Fora, 2008 (a).
- FERNANDES, A. H. Narrativa e imagem: a criação na produção das crianças. In: Proped UERJ. (Org.). **Divulgação Científica em Educação e Imagem**. Rio de Janeiro: UERJ, 2008. (b).
- FERNANDES, A. H. “Não posso escrever a história porque penso em quadrinhos”. **Jornal Educação e Imagem**. Disponível em <http://www.lab-eduimagem.pro.br/Jornal/> (c)
- FERNANDES, Adriana Hoffmann. **Infância e cultura: o que narram as crianças na contemporaneidade?** Brasil, 2009. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- FERNANDES, Adriana Hoffmann. O cinema e as narrativas de crianças e jovens em diferentes contextos educativos. **Projeto de Pesquisa**, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, FAPERJ, 2010.
- FERNANDES, Adriana Hoffmann. O cinema e as narrativas na era da convergência: modos de consumo, formação e produção de audiovisuais de crianças, jovens e professores. **Projeto de Pesquisa**, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, FAPERJ, 2013.
- FERNANDES, Adriana Hoffmann; GAZÉ, Renata. As crianças e suas narrativas audiovisuais: algumas reflexões. **Anais do 4º Colóquio de Pesquisas em Educação e Mídia, dezembro de 2014**. Disponível em: http://media.wix.com/ugd/aa6be0_2523b004b6004151a81f3e7a2b406edb.pdf

- FERREIRA, Renata. **As crianças e os filmes no ensino fundamental**. Monografia. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. Docência, cinema e televisão: questões sobre formação ética e estética. **Revista Brasileira de educação**, v. 14, n° 40, jan/abr. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v14n40/v14n40a08.pdf> Acesso em 2012
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação**. v. 12 n. 35 maio/ago. 2007.
- GATTO, Erica Rivas. **Narrativas das crianças com os filmes: reflexões sobre infância e consumo a partir do cineclube Megacine**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- GUSMÃO, Milene. **O desenvolvimento do cinema: algumas considerações sobre o papel dos cineclubes para formação cultural**. In: IV Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2008, Salvador-Ba. IV ENECULT, 2008.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n°2, p. 15-46, jul./dez. 1997.
- HOBBSBAWN, Eric. **Era dos extremos: breve século XX - 1914, 1991**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995.
- LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, 2002.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.
- MATELA, Rose Clair. **Cineclubismo, memória dos anos de chumbo**, Editora Luminária Academia, Rio de Janeiro, 2008.
- MILLIET, Joana Sobral. **Pedagogias da animação: professores criando filmes com seus alunos na escola**. 2014. Brasil, 2014. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- OROZCO GÓMEZ, Guillermo. Entre Telas: Novos Papéis Comunicativos das Audiências. In: BARBOSA, Marialva, FERNANDES, Márcio & MORAIS, Osvaldo José (orgs.). **Comunicação, educação e cultura na era digital**. São Paulo: INTERCOM, 2009. p.167-181. Disponível em <<http://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/4112bf03387cdc4babdbe43f801a6e0c.pdf>> Acesso em 2012.
- OSWALD, Maria Luiza, FERNANDES, Adriana Hoffmann, SILVA, Andréia Attanazio da e LOPES, Paolla Teodoro. Consumo cultural e produção de sentidos: o jovem e a leitura do mangá. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de, ALVES, Nilda e BARRETO, Rachel Goulart (orgs). **Pesquisa em Educação: métodos, temas e linguagens**. São Paulo: DP&A, 2005, p. 81-101.
- SARLO, Beatriz. Culturas populares, velhas e novas. In:_____. **Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2000.
- SCHWERTNER, Suzana Feldens. Juventude, cinema e educação: apontamentos de uma pesquisa. **Revista TEAR: Revista de Educação Ciência e Tecnologia**, Canoas, v.1, n.1, 2012.
- SERRA, Maria Silvia. **El cine em La escuela. Política o pedagogia de la mirada?** IN: DUSSEL, Ines e GUTIERREZ, Daniela. **Educar La mirada: políticas y pedagogias de La imagen**. Buenos Aires: Facso, OSDE, 2006.
- SILVA, Veruska Anacirema Santos. Cinema e cineclubismo como processos de significação social. **Domínios da imagem (UEL)**, v. 2, p. 137-147, 2009.

Recebido em 06 de fevereiro de 2015.

Aceito em 15 de abril de 2015.

